




# O Gaiato


**PORTE  
PAGO**

Quinzenário \* 20 de Dezembro de 1986 \* Ano XLIII — N.º 1116 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

# Natal

«Foi no Beco do Moreno, em Maio de trinta e cinco, que o miúdo me apareceu.» Assim começa Pai Américo o livro *Obra da Rua*. E continua: «Enquanto que as grandes artérias das grandes cidades mudam frequentemente de nome, consoante as paixões mai-los acontecimentos do tempo, os becos e vielas das mesmas tomam a sorte de quem lá mora: nem nome nem condição.»

Assim, hoje: uma sementeira de barracas e vielas a preencher as cintas das grandes cidades... Quis o Senhor que elas fossem a terra onde a semente da Obra da Rua germinou.

«O casebre era ali mesmo. Entrei no cubículo.»  
Casebre de Belém!  
Nascimento!

Natal da Obra da Rua!

Sob pena de morrer, não poderá a Obra da Rua fugir à condição do seu nascimento. Como o do Menino — sem condições e sem luz! «Morava numa rua antiga da alta, casa de dégraus até ao céu, íngremes, carunchosos, sem luz.» Ainda: «Só tinha os olhos da cara quando na mansarda entrei.»

Nesta bela página escrita há 51 anos, Pai Américo descreve, em pinceladas, os presépios vivos, onde colocou a semente que germinou e são o nosso Natal.

«Desci o casebre num rufo. Entrou na minha alma uma ideia criadora.»

E nasceram as Colónias de Férias; as Casas do Gaiato; o nosso jornal O GAIATO; as

casas do Património dos Pobres; o Calvário!

Natal de Amor! Bem parecido ao Natal do nosso Menino-Deus que teve a coragem de nascer nas palhas dum presépio de animais.

● As sociedades de consumo, a pretexto do Natal de Jesus, enfeitam as grandes ruas de «bonito»; enchem as montanhas de supérfluos; abarrotam os supermercados e organizam festas. Lindo... «para inglês ver». Os canais da super-abundância não chegam aos Pobres e aos Famíatos de tantos povos!

Pior que tudo — é termos perdido a nossa capacidade de sorrir. Mergulhados nas coisas, esquecemos o sentido espiritual da vida na linha da Eternidade. As coisas são efémeras... Não podem acompanhar-nos. Não será esta a fonte da nossa angústia?

Todos afadigados, com certo ar infeliz na preparação do Natal. Tão poucos, tranquilos e a sorrir... Até as crianças, meu Deus!, abarrotadas de tudo, sentem na alma a insatisfação.

Então, o Natal?  
Só um caminho:  
Darmos sentido à vida.  
Peregrinos a caminho da Pátria.  
Sentido de Eternidade.

● Natal cristão é o sinal mais grandioso do Amor do Pai — entrega de Jesus, nossa Redenção! Caminho verdadeiro da Justiça e da Paz.

Que seja este o nosso Caminho para que o nosso Natal seja verdadeiro.

Padre Telmo

Mais um livro de Pai Américo

## «NOTAS DA QUINZENA»

Terminámos a impressão do corpo da obra — já na mão dos encadernadores. Só falta a capa!

Se tudo correr bem, o livro será expedido para os assinantes da Editorial — e não são poucos: cinco mil e tal — por todo o próximo mês de Janeiro.

Pai Américo anunciara a intenção de publicar esta obra n.º O GAIATO n.º 299 de 13 de Agosto de 1955 — assombrado com a receptividade dos leitores: «Bom sinal que os senhores se impacientem (por novos títulos a sair do prelo...). Isto significa apetite. Apenas o Viagens se despache, vamos começar com o Notas da Quinzena: trezentas páginas de leitura séria.»

E remata assim, com uma ou outra hipérbole que se justifica, naquele humor santo que o caracteriza em apontamentos desta ordem: «Não há memória de ter existido um escritor com as edições vendidas antes de as colocar no mercado. Nem edições que tanto falem de Cristo — como as nossas. E é por isso!»

Continuando a citar a nota prévia inserida no Notas da

Quinzena, o volume é mais uma recolha e selecção de textos que saíram n.º O GAIATO: do n.º 4 de 16 de Abril de 1944, ao n.º 323 de 14 de Julho de 1956 — vésperas da viagem de Pai Américo para o Céu. Constituído não apenas por artigos publicados sob a mesma epígrafe — que vários deles, porque «páginas de leitura séria», foram já recolhidos nos três volumes *Doutrina* — mas por muitos outros textos de reflexão, motivados por acontecimentos que produziram em Pai Américo uma impressão tónica e por isso ficam bem em *Notas da Quinzena*.

Para além do mais, o *Notas da Quinzena* será, digamos, uma chave d'abertura do centenário do nascimento de Pai Américo, no ano da graça de 1987.

Estamos a preparar outra obra a sair oportunamente: *De como eu fui...*

Não são livros de mercar. Tampouco de escaparates. São de ler e saborear — com os olhos da alma. O melhor quinze da veia profética de Pai Américo!

Júlio Mendes



Naquele tempo, o Presépio do Menino-Deus foi um aberta para os homens de boa vontade. Hoje, os presépios dos sem-casa são uma condenação.

# SETÚBAL

■ O «Bonanza» é um pequeno de oito anos, forte, atarracado, ladino.

Veio de Lisboa (Musgueira) onde a sua mãe se dedica à vida de uma grande parte das mulheres ali nascidas — a prostituição.

Ficava fechado em casa, com mais duas irmãs, enquanto a mãe, com encontros marcados por telefone próprio, deambula no submundo tenebroso da degradação.

Vivia no segundo andar de

um prédio desarrumado e mal cheiroso! Quando lá entrei, para conhecer pessoalmente a tragédia, tive a sensação de me encontrar num grande bairro de lata, tal o fedor característico envolvente e o panorama que os meus olhos contemplavam: janelas sem vidros e os buracos tapados com cartão, móveis desconjuntados e meio destruídos, chão negro e paredes esburacadas.

Sua irmã, com uma criança nos braços, apesar de adoles-

cente, segue o officio maternall Porque o menino tinha sido já apanhado por um automóvel, fica agora fechado à chave com as suas irmãs — uma de dez e outra de seis anos.

Quando gritavam de fome, as vizinhas de cima chegavam-lhe, num saco de plástico preso por um cordel, uns bocados de pão que eles agarravam pela janela.

Cont. na 4.ª pág.

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● A família referida na penúltima edição está em vias de conseguir moradia decente. Já de si pequenina, a jovem mãe, com as preocupações, mais se tem sumido!

— O aluguer são dez contos por mês. O senhorio não baixa mais...  
— Ó mulher, não perca tempo! Faça já o contrato que daremos uma ajuda até equilibrar a vida.

Resplandece um ar de esperança. A palidez da sua face transforma-se. Bota a mão ao filho, como quem diz: melhores dias nos esperam. E disse: — Estou farta desta corte! Graças a Deus por ter, agora, onde possa viver melhor!

O Natal de todos os dias — no reino dos Pobres!

● O homem desempregado. Arcas vazias a pedir pão. Suprimos as carências, temporariamente; e abrimos caminho, pois o empresário não passou nota de despedimento (!), necessária ao requerimento para o subsídio de desemprego.

Abordámos os serviços oficiais e seguiu, pelo seu pé, a outro departamento para colmatar a brecha.

O recoveiro dos Pobres precisa — é um dever cristão — estar informado sobre a justiça social, exactamente para informar os beneficiários expressos no corpo das leis.

Motivámos o desempregado — indiferenciado como é — a procurar um posto de trabalho... e sugerimos empresas onde o possam aceitar.



Casamento do José Achan — o «Macau» — que foi da Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

Damos a mão aos Pobres, assiduamente, nestes domínios. Ainda agora, um casal com prole numerosa não pôde ser pontual nos descontos para a Segurança Social — e tem sete filhos sem abono de família! Suprimos a falta e não tardarão a receber o dito na ordem dos sete contos por mês.

**PARTILHA** — Em tempo de Advento, a partilha respira Natal! Em toda a grandeza condiz com o Mandamento Novo — de Jesus de Nazaré.

Rua Castro Matoso — Coimbra, cidade cujos presépios definiram, naquele tempo, a acção profética de Pai Américo:

«Tal como nos mais anos, não quero deixar passar a quadra festiva (que se aproxima) sem lembrar, com muito amor, os Pobres. Não posso ficar indiferente às necessidades prementes. De todo o coração, envio a minha modesta participação (cheque de três contos) para o Natal dos mais desfavorecidos — auxiliados pela Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa.

Um Santo Natal e um Ano Novo de Esperança e bênçãos do Céu.»

Outro cheque, repolhudo, de «uma velha de 84 anos» — de Lisboa: «Lembrei-me que os mais pobres também sofrem muito...»

Alcanena:

«Para me unir convosco na partilha que fazeis com os irmãos mais desprotegidos, junto um cheque com uma pequena importância para o que melhor entenderem.

Que o Senhor ajude todos os nossos irmãos que além do sofrimento próprio da vida têm ainda por acréscimo o sofrimento de faltas materiais.

A todos estou unida e a todos lembrarei junto do Senhor...»

Testemunho cristão!

Assinante 21566, de Ilhavo: «1.000\$ para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus — primeiro dinheiro que sai do 13.º mês da aposentação. É pouco, bem sei, mas as necessidades são tantas!»

O drama de muitos pensionistas! Assinante 2838, de Paderborn (Alemanha Federal), 20 marcos e não há necessidade de agradecer. Para quê agradecer o cumprimento duma obrigação? Repartir com o Próximo é uma obrigação, nunca um favor.

Fogo do Espírito!

Assinante 21912, da capital, lembra a senhora que serviu, com uma oferta «pelos almas de todo o mundo».

Alma grande!

Mais dez notas dum Professor, em Constantim. A «partilha habitual», de «uma Assinante de Paço de Arcos», «fazendo votos para que chegue o Natal em que os homens O recebem, pois seja quando reconhecerem a imagem de Cristo nos mais pobres, doentes, marginalizados».

Mensagem de Natal!

O assinante 17258, de Baguim (Rio Tinto), não esquece a «renda da casa da Viúva». Elas, as Viúvas, deveriam ser uma grande preocupação do todo nacional. Só quem foi ou é órfão — sem ter quê... — melhor pode avaliar, em toda a extensão, os dramas da Viuvez.

A assinante 31104, de Lisboa, está sempre na brecha! Ai vai com uma oferta, «em duplicado», e um voto:

«Prometi desfazer-me de coisas cujo produto estará melhor nas mãos dos que precisam. Ao aproximar-se o Natal — para quem não tem ninguém — a saudade é maior...»

Mas Deus está na sua alma, no seu coração!

Presença da assinante 31782, de Escalhão. O costume da assinante 19177, do Porto — com a Amizade de sempre. Remessa habitual, da assinante 11162, da capital do Norte. Outra, do mesmo naipe, pela mão do assinante 9790, de Oliveira do Douro: «Que o Presépio seja, para todos nós, o Caminho a seguir — Humildade, Amor; em suma, tudo o que de Bom a Sagrada Família de Nazaré representa».

Pela mão do nosso Padre Luiz — da Casa do Gaiato do Tojal — três ofertas da assinante 4951, de Queluz; e mais: de Maria, Fernanda, Abílio, Mafalda, assinante 22890 e assinante 18880, de Lisboa.

Retribuímos, com Amizade, votos de Santo Natal e Ano Novo.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## Tojal

**POR CAMINHOS DA R. F. A.** — «A Verdade é uma em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as circunstâncias.»

Saimos às 6 horas do dia 30 de Setembro com o farnel preparado, roupas na mala e as passagens nas mãos. Partimos de Lisboa com destino à Alemanha. E fomos viajar... com os portugueses emigrados, falar sobre o que será e se realizará, a nível nacional, no centenário de Pai Américo. Dar a conhecer melhor a Obra da Rua e procurar evangelizar, de maneira concreta, fundamental, pelos caminhos de Pai Américo.

Chegados a Bremen, estava à nossa espera o José Ferreira, um gaiato dos primeiros tempos da Obra da Rua. Aventurou-se, como muitos outros, na vida fora do País. Hoje, graças a Deus, é pai de três «netas» da Obra... A colaboração e iniciativa, muito vivas, de José Ferreira e do Padre Nelson levaram-nos a cumprir o que havíamos programado.

«Por mercê de Deus somos uma voz em quem o mundo acredita» — devotados ao homem marginalizado, rostos cansados, mãos bem pisadas e cheias de calos. Caminhamos... Evangelizamos. A Luz de Cristo nos ilumina e ajuda.

Estivemos em muitas Comunidades: Em Hamburgo, com a do Padre Dr. Eurico José de Azevedo. Na zona do Ruhr, com as do Padre Prata. Nas Comunidades de Bremen, Bremenhaven e Cuxhaven, com o Padre Nelson. A última etapa foi em Colónia com os paroquianos do Padre Dr. Armindo; e em Remscheid com o Padre Prates.

A Palavra de Deus une e fortifica os elos de união. Como vivi e senti, minuto a minuto, que os jovens, os adultos e os idosos estavam com sede de viver o verdadeiro Amor! Os desabaços, as lágrimas, as opiniões... As preocupações e ambições materiais fazem esquecer o espiritual. É

na Voz de Deus que acreditamos. Ela mostra-nos que «a Verdade é uma em todos os lugares». Oxalá o futuro seja para melhor.

Quero deixar o nosso agradecimento, tanto pelo ambiente familiar como nos receberam como pela ajuda, sempre pronta, até ao carinho e amor que nos revelaram.

**APELO** — A senhora responsável pelos nossos pequeninos pediu que apelássemos às nossas amigas leitoras:

— As colchas das camas dos pequeninos estão muito velhas! São 11 caminhas dos 2 aos 6 anos. Também na salinha onde eles brincam seria bom renovar os cortinados.

Amigo leitor, aqui deixo o apelo da senhora e dos nossos mais pequeninos.

José Manuel dos Anjos

## Miranda do Corvo

**APANHA DA AZEITONA** — Num dos últimos sábados aproveitámos para começar a apanha da azeitona. Estava um dia maravilhoso!

Os estudantes e os que não têm ocupações definidas foram para o Círculo Preparatório, em Miranda do Corvo.

Somos nós os que, habitualmente, apanhamos a azeitona das oliveiras, como também noutros olivais — por oferta da Câmara Municipal.

No último feriado colhemo-la no campo municipal, embora ainda um pouco verde. Temos que aproveitar estes dias bons, pois a azeitona é necessária para todos nós.

**MAGUSTO** — Em 30 de Novembro veio mais um grupo de jovens partilhar o seu magusto connosco. É um grupo de Coimbra e costuma vir todos os anos.

Não estava um dia bom. Chovia muito. Porém, mesmo com chuva, fizemos o magusto.

Assámos as castanhas no pátio e recolhemo-las para o abrigo, onde cada um se serviu.

Quando a chuva deixou de cair fizemos uma roda, entoámos canções tradicionalmente conhecidas e dançámos.

Os nossos Amigos regressaram cedo, pois os transportes aos domingos, nesta zona, são muito escassos. Passámos um dia agradável!

Venham para o ano. É sempre muito bom recebermos visitas que distraiam o nosso quotidiano, nos tempos livres.

Toninho

## Paço de Sousa

**MAGUSTO** — Mais uma vez cumprimos a tradição do magusto, em nossa Aldeia.

Cada casa fez o seu, ao contrário do ano passado (castanhas assadas no forno e distribuídas pela malta à beira do bar).

Assim, o magusto é mais saboroso; há mais festa, mais alegria, porque todos juntos na fogueira temos conversa, as piadas surgem, naturalmente, para animar a malta.

**DESPORTO** — Em 30 de Novembro, realizámos um encontro de futebol com uma equipa de Rebordosa.

Muito disputado. A equipa adversária bem constituída, fisicamente.

O desafio começou bem para nós. No primeiro quarto de hora estávamos em vantagem no marcador (1-0) e no fim da primeira parte em 3-1.

No entanto, na segunda parte o adversário reagiu bem, actuando em contra-ataque, e quase dava a volta ao resultado! Por nosso lado, a equipa aguentou e dominámos sempre.

Em 1 de Dezembro realizámos, também, um desafio, tradicional nesta altura: Os mais velhos, e alguns que trabalham no Porto, defrontaram a nossa equipa principal.

Geralmente, há sempre rivalidade e os jogos costumam ser bem rijos e disputados. Este não fugiu à regra.

Ganharam os mais velhos por 7-5, o que prova que a experiência tem importância em todos os aspectos da vida; e no desporto, principalmente.

Ludgero Paulo

## LAR DO PORTO

**CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS** — Senhor, o Natal! Grito de Esperança da gente pobre, que faz pausa no meio das ruas quando passo à beira deles: «Que seja como o ano passado, o Natal deste ano; somos tão pobres!», dizem.

Natal, sim!

«Que me não falte aquele não sei quem, que todos os anos por este tempo dá um vale de mercearia com sua galinha.» (Pão dos Pobres — 1.º volume)

Deixamo-vos com estas palavras de Pai Américo. O Natal deste ano está à porta. Os irmãos mais necessitados esperam-nos.

Aproveitamos para desejar um Santo e Feliz Natal.

O Alexandre mais a Emília fazem parte desta família vicentina. Apesar de trabalharem e estudarem à noite, conseguiram um pouquinho de tempo livre para assistir os irmãos mais necessitados. Um exemplo que outros casais devem seguir; quando temos vontade, há tempo disponível. Eles guardam a herança que Pai Américo deixou: Ide e dai assistência aos Pobres; sede vicentinos e não recoveiros de esmolas. Alguns casais de Paço de Sousa mostram-se disponíveis. O problema é o tempo. Como havemos de resolver:

O Jorge já está na nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa. O primeiro dia foi de lágrimas. O mês passado perguntámos ao moço se queria ir para junto da mãe. A resposta peremptória: — Não senhor! Quero cá ficar. Olhe!, o meu tio escreveu-me e diz que me vem visitar no Ano Novo.

Depressa se afastou. Os colegas esperavam-no para continuar a brincadeira.



# AQUI LISBOA!

«Apóstolos da Verdade, pregoeiros do Evangelho, não podemos usar meias tintas nos quadros da vida e temos obrigação de chamar às coisas o nome que elas têm.» (Pai Américo)

Vem aí o Natal. Deus torna-Se homem por amor dos homens, eis uma realidade que os cristãos devem assumir em pleno, para lá da poesia e do mistério inerentes.

Ante o quadro do Presépio três atitudes são possíveis: uma certa indiferença, por comodismo ou «distracção» dos instalados; o ódio ou a revolta, ante a denúncia implícita dos nossos crimes ou das nossas paixões; e o determo-nos, para de joelhos adorarmos o Menino, interiorizarmos a Sua Mensagem e procurarmos, numa atitude de conversão, viver em conformidade com os Valores que dela dimanam.

Para os cristãos que procuram a coerência de vida, para lá das suas insuficiências ou fraquezas, não há outro caminho que não seja o enunciado em terceiro lugar. O contrário seria uma mentira monstruosa, equivalente à negação do Mestre, portadora de escândalo para crentes e não crentes, com as piores consequências pessoais e colectivas.

Um olhar, ainda que ligeiro, sobre o mundo, levar-nos-á facilmente a constatar que continua a repetir-se a cada passo a história de Belém. Muitos dos nossos irmãos, por isto ou por aquilo, não invalidando eventual culpa própria, não têm quem lhes dê acolhimento e as estruturas sociais não possuem lugares para eles.

Um egoísmo feroz bloqueia a nossa capacidade de amar, gerando apatia ou insensibilidade ante a sorte dos Outros;

Já não é a primeira vez que os responsáveis da Associação dos Antigos Gaiatos da Região Norte têm manifestado o desejo de criar uma secção de apoio aos gaiatos mais carecidos. Para isso é precisa a colaboração de todos; arranjar um pouquinho de tempo e disponibilidade.

Está programada uma iniciativa: promover uma exposição de fotografias e livros de Pai Américo, integrada no centenário. Aqui deixamos um apelo a todos os que tenham fotografias de Pai Américo e das Casas: que as cedam para a exposição. Contactem o Carlos Gonçalves e o Joaquim Gomes — Casa do Gaiato — Paço de Sousa. Mãos à obra. Para a frente. Vai ser um sucesso.

**CAMPANHA TENHA O SEU POBRE:** Recebemos dois mil de Lúcia. No Montepio Geral, 4.500\$00, de Noémia; na Casa do Gaiato do Tojal, 5 mil, do Abílio; 1.500\$00, de Fernanda; e 750\$00, de Maria Ângela. Um anónimo, 1.000\$00. Dez mil, do nosso amigo Prof. Joaquim Ferreira. Mais cinco mil, de Maria Beatriz. Que o Senhor dê a todos um bom Natal.

José Alves

um materialismo desmedido, visando apenas o bem-estar, o prazer e os cifrões faz-nos perder o sentido de solidariedade e a nossa dupla dimensão, de corpo e alma. «Onde está o teu tesouro aí está o teu coração», diz a Escritura, e o tesouro da maioria reside no dinheiro e nas coisas. O consumismo desenfreado é visível a olho nu e a publicidade que incita a tal, com o aproximar da época festiva, redobra os seus esforços. É ver e ouvir a televisão, a rádio, os jornais e as revistas.

A ausência de dados morais, por outro lado, levando o homem à busca do prazer pelo prazer, afogando-se nos desregramentos ou paixões mais aviltantes, sem respeito por si próprio ou pelos outros, subalterniza os valores fundamentais e reduz a humanidade a uma esfera quase, ou mesmo, só animal. «Diminui o sentido de Deus e da Sua Providência Amorosa», afirmou o Papa em Wellington. Deste modo, esquecido de Deus, também não há lugar para o homem e, consequentemente, para a vivência comprometida e sempre procurada da Justiça e do Amor.

Numa sociedade cristã é missão da Igreja, quer dizer dos cristãos, debruçar-se sobre os Pobres e Marginalizados. Daí que seja imperativo nosso estar atentos às necessidades gritantes do meio ambiente, e não só, assumindo as respectivas responsabilidades, sofrendo com os que sofrem e partilhando com os mais carenciados daquilo que nos sobra e, até, em casos extremos, do que precisamos. Melhor do que transferirmos culpas ou responsabilidades, importa que façamos algo de concreto ou criemos um clima de empenhamento solidário.

Viver o Natal alheado, sem preocupações pelos Outros, aconchegados ao calor da lajeira ou refastelados na nossa abundância, com mais ou menos cerimónias religiosas, será mistificação ou mesmo mentira declarada. Na medida do possível, e todos podemos por pouco que seja, devemos contribuir para que o Natal seja para todos e passado em verdade. Se nós ficarmos pelas prendas, embrulhos, cartões, luzes, brinquedos, fitas, discursos ociosos, festanças e comenainas, etc., etc., será apenas Natal o desperdício perdulário numa ocasião forte para revisão de vida e o assumir dos nossos deveres.

Vamos comemorar o Natal e falar do seu significado profundo aos Rapazes. Não faltará, naturalmente, o mínimo de coisas para que o nascimento do Menino seja devidamente assinalado. Haverá, com certeza, alegria, ternura e poesia. Não deixaremos, porém, de focar que, para muitos, o Natal será vivido em tristeza ou como se o não

fosse. Como poderá haver Natal para os desempregados, para os com ordenados em atraso, para os sem abrigo ou vivendo em promiscuidade, para os sem pão, para as famílias desavindas ou separadas, para os velhinhos ou crianças abandonadas, para os toxicómanos, para as vítimas da prostituição ou da homossexualidade, para os perseguidos ou discriminados, etc. etc.? Depois, chamando a atenção para a antítese entre aquilo que temos e muitos não têm,

## TRIBUNA DE COIMBRA

Ao darmos contas do pão que nos entregam para o repartirmos pelos que estão em casa, ou que vivem por fora, gostaríamos de revelar as mensagens, por escrito ou por gestos, que acompanham este pão. São mensagens cheias de encanto espiritual, na fé e na esperança. Ofertantes comprometidos de há muito; ofertantes com suas necessidades, também.

«Junto um vale para cumprir um propósito que fiz há muitos, muitos anos...» Que bem nos faz a perseverança nesta vida cheia de dificuldades diárias! Dez mil, de senhora doente, a pedir a nossa oração; senhora, de Tentúgal; sacerdote, de Aveiro, com vinte mil; Luciana com roupas de homem que Deus chamou; cinco mil e mais quinhentos, de Castelo Branco; dez mil, de professora vizinha; 20.000\$00, de casal vizinho a agradecer a saúde; 2.000\$, mais 5.000\$ na visita a doente; 7.500\$, de mé-

procuraremos incutir na mente de cada um a comunhão fraterna. Que o Natal seja, de facto, para lá da alegria, da ternura e da poesia acima assinaladas, uma ocasião ímpar para nos motivar na construção efectiva dum Mundo de Paz, de Justiça e de Amor, em que o Natal seja permanente.

Para os poderosos da terra, pelo saber, pelo ter ou pelos lugares que ocupam, com capacidade decisória, vai o apelo para que assumam em pleno as suas responsabilidades, criando ou ajudando a forjar estruturas sociais mais justas e adequadas, tendo em mente as obrigações de servir recta e afincadamente a comunidade, sobretudo os mais desprotegi-

dos, e reprimindo os abusos e a corrupção patentes em largos sectores da vida portuguesa. Em suma: que sejam fautores de mais Justiça; que esta, como disse João Paulo II na Nova Zelândia, «é caminho para a Paz».

Sejamos construtores de Natal para todos, sempre e em toda a parte. E para que tal seja possível, não ficará mal terminarmos com Pai Américo: «Gozaí a vida, espalhando o bem. Sede justos, sóbrios, amigos dos que sofrem. Menos comer, menos vestir, menos pintar, que aquilo que Deus dá chega para todos e é para todos».

Padre Luiz

dico que visitei e que o Senhor já chamou; 1.500\$, de associada, de Coimbra; e 6.000\$00 de outra.

Este ano não fizemos a recolha das ofertas de subscritores, de Coimbra, alguns da primeira hora de Pai Américo. Foi sempre uma grande ajuda e presença, mas com o andar da vida penso que já não será necessário ir um Rapaz a casa de cada um, pois é fácil cada um desobrigar-se pelo correio ou por outros meios.

Cinco mil, em carta; dois mil, mais trezentos, de familiares vizinhos; 500\$, de Amiga, da Ajuda; mil, de Amiga das Crianças, da Pereira; 20.000\$, de Lisboa, a pedir as melhores «de uma muito antiga admiradora da Obra»; 3.600\$, pelo vendedor, na Curia; 1.400\$, mais 5.000\$, mais 5.000\$, mais 3.700\$, de visitantes, de Torres Novas; 5.000\$, dum dos nossos; 2.595\$, das Crianças da Catequese de Outil; 2.000\$, em vale, de Amiga, de Coimbra; uma

mão cheia de cartas e embrulhos na Casa do Castelo; 2.000\$, de mensageiros da Foundation Americana que o ano passado ofereceu uma boa quantia para a nova tipografia; 2.000\$, de Cantanhede; os vales, de Manuel, de Lisboa; 3.000\$, da Quinta do Prado; 2.000\$, da Curia, a recordar seus mortos; quinhentos, em vale, de Leiria.

Mil, em vale, de Amadora; 7.000\$, que filhos vieram entregar pelos pais; 3.000\$, de Coimbra e Tondela; 2.000\$, de Póvoa de Varzim; 3.000\$, no Lar; mil, de casal que passou; 50.000\$, da Póvoa de Varzim; 3.000\$, de Lisboa; vale, de Vilar Formoso; mil e carrada de maçãs; dez mil e a visita familiar, de Tomar; 2.200\$, a vendedor, em Castelo Branco; mil, do Luso; 2.290\$, de Amiga, de Cascais; doze mil e a presença de Amigo, de Alcains; 5.000\$, a vendedor, em Montes Claros; mil, em carta, de vizinha; mil, de Amigo, da Guarda Fiscal; 1.000\$, na igreja da Rainha Santa; 3.500\$, da Lousã, a pedir presenças no Altar; mil, da Lousã; 6.500\$, da Figueira da Foz; casal, de Meãs do Campo; e casal, de Pereira do Campo, com a Mãe; 500\$, de Arada; cem mil, de Amigos, de Coimbra; 13.000\$, de mãe viúva com 3 filhos adolescentes.

Mil, deixados na Polficta; 23.187\$50, de grupo visitante, do Sobral; 15.000\$, no Lar; 4.000\$, mais 1.000\$ e mais e mais, de Coimbra; 2.000\$ e a visita familiar dum dos nossos; 10.000\$, pelo Pároco de Almagreira; 10.000\$, mais 3.300\$, mais 60.000\$ e mais levados ao Lar; 2.000\$, pelo primeiro filhinho que nasceu em Castelo Branco; 500\$, na Sertã; 10.000\$, que Amigo veio trazer a recordar a Esposa; 10.000\$, roupas e quadro de Amigo, de Lisboa; 2.217\$50, de grupo visitante, de Aveiro; 50.000\$, de Edla; 2.200\$, de grupo de Mealhada; 2.000\$, de Tomar; mil, de Bonsucesso; 500\$, de Sacavém; a visita de grupo de antigos jogistas, de Coimbra. Com este grupo louvamos todos o Senhor.

## Do que nós necessitamos

É Natal!

Quando O GAIATO poisar nas tuas mãos, estás a viver a Festa do Natal. Já começaste a prepará-la. Sabemo-lo pelas notícias que nos vão chegando. São as cartas. São as visitas. São os telefonemas.

A Festa do Natal é a Festa da Família. Damos conta de que a Família não são apenas os que vivem connosco — o pai, a mãe, os filhos e outras pessoas que fazem parte do nosso mundo, por vezes, tão pequenino. A festa começa por aqui, é verdade. Assim deve ser. Mas não se fica dentro das paredes da nossa Casa. Devemos ser o eco da Palavra que na gruta de Belém se fez Menino para chegar a todos.

Em qualquer cantinho da terra o Menino é uma central de ternura que põe calor humano à sua volta. É ver os

pequeninos em cada lar. Onde eles estão há mais Família.

Assim o Natal. O Menino que nasce em Belém está para dizer que todo o homem é meu irmão. Vem por essa razão. Só por isso. Não destrói os laços da carne. A partir deles vai construir uma família nova. Vamos ouvir: «Mas a todos os que O receberam, aos que crêem n'Ele, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus; eles que não nasceram do sangue, nem da vontade carnal nem da vontade do homem...». Simplesmente filhos. Esta é a Mensagem do Natal. Somos filhos naquele Menino. Somos irmãos naquele Menino. Estamos presentes onde houver carne como a nossa. A esta luz entendemos e fortificamos-nos na Fé com as palavras

Cont. na 4.ª pág.

Padre Horácio

# A nossa POBREZA é a nossa RIQUEZA

Reza assim uma oração do Advento: «Ensinai-nos, Senhor, a apreciar com sabedoria os bens deste mundo e a amar as coisas do Céu».

Ora aqui temos uma regra de ouro: «Amar as coisas do Céu» — a grande motivação da vida, aqui e agora. E usar os bens deste mundo com um apreço que não vem da carne nem do sangue, mas da Sabedoria divina — isto é: de modo «que eles não sejam obstáculo em nosso caminhar ao encontro do Vosso Filho».

Jesus é a meta. Uma vez encontrado, só por muita infidelidade do homem, se deixará perder. E ao longo do nosso caminhar, Ele nos irá ensinando o verdadeiro valor dos bens deste mundo — que são bens porque Ele os fez, mas bens relativos que só nos aproveitarão tanto quanto necessários ao nosso caminhar. Demais é estorvo.

A Pobreza não é negação. É o apreço dos bens deste mundo com a Sabedoria que preserva o homem do menor apreço das

coisas do Céu e o liberta para a comunhão com Cristo, o Caminho que leva à posse daquelas coisas.

Os bens deste mundo são instrumento; as coisas do Céu, o fim último. E porque último, o primeiro, o que está sempre diante dos olhos de quem encontrou Cristo e vive em comunhão com Ele.

A demasia dos bens deste mundo distrai deste fim. É tentação para o homem. As vezes, leva-o a tomá-los também por fim e envenena-lhe a vida com uma falsa sabedoria.

Olhai este trecho tão sucuculento de Pai Américo. Relatava ele de como fora num peditório em Lisboa. Chegado a casa, toca a contar. E enquanto o fazia, «estava a costureira fazendo as contas do que poderia obter amanhã em Lisboa, do muito que nos falta no Tojal. Quer dizer: chapa ganha, chapa batida».

E agora, a reflexão:  
«Estão certas estas contas. O maná vinha do Céu; cada hebreu apanhava a sua medida

e ninguém morreu à míngua. Todos comiam, cada um a sua parte. Se alguém levasse mais do que necessitava, apodrecia-lhe! Ora eu não quero que nada apodreça em nossas Casas. (...) Gosto de viver da Pobreza. Não há engano quando sinceramente pedimos e sinceramente desejamos o pão de cada dia. Porquê? Porque é ao Pai Celeste que a gente o pede.

Até nos legados que nos deixam, temos sido muito felizes. O último, como aqui se diz no **Do que nós necessitamos**,

foi de dois mil escudos. Está certo. Não alvoroça. Não desorienta. Não nos vem roubar o nosso maior bem: a Pobreza.»

Há poucos anos, um senhor procurou-nos para a entrega dos bens de sua esposa, de quem estava separado à morte dela e aos quais, por isso, queria renunciar. Tratava-se de uma doação de mão viva, no valor de muitos, muitos milhares. O caso metia advogados. Demorou. E o senhor mudou de ideias.

Só tive pena da mãe da falecida, senhora idosa, muito distinta, que morria por ver os bens da filha em nossas mãos antes de morrer. Para nós foi uma sorte grande o desfazer da hipótese!

Outros amigos sinceros, mas não em sintonia com a grande opção de Pai Américo pela Pobreza, procuram engenhosamente fazer-nos chegar seus

bens, após a morte, sem ser pela figura de uma herança que sabem não aceitarmos. Se se trata de um pequenino legado, uma lembrança afetiva que não alvoroce, não desorienta, não nos roube o nosso maior bem: a Pobreza — está certo». Mas se se trata de fortunas que, naturalmente, movimentarão pesados processos, toda a nossa esperança está no Senhor que Se encarregará de os deitar por terra — não fosse a gente «alvoroçar-se» a ponto de «nos deixarmos levar pelo falso raciocínio de que, tendo mais, podemos fazer melhor».

Não. «A nossa Pobreza é a nossa riqueza.» Com Ela chegamos até aqui sem grandes tropeços. Sem Ela decerto nos esbarraríamos com o obstáculo ao nosso caminhar.

Padre Carlos

## Do que nós necessitamos

Cont. da 3.ª pág.

que nos chegam. Assim: «Um Santo Natal! Em breve, mais um bocadinho de mim irá para vós». «Antes que vá utilizar o meu subsídio de Natal em coisas menos úteis, junto este pequeno cheque.» «Estas camisolas foram feitas por uma amiguinha dos gaiatos e tem 84 anos de idade. Muitos beijinhos para os meninos.» É uma anónima que vai ao nosso Lar do Porto com a ternura de menina que beija os meninos. De arquitecto amigo, 5.000\$00. De Ovar, 3.000\$; e 12.000\$00, de Vila Nova de Gaia. De Castelo da Maia, 25.000\$00. De Aida, 3.000\$00. Excursão, de Tomar, passou e deixou sessenta e dois mil e seiscentos escudos. Da assinante 13907, vinte mil; e seis mil, de Armamar.

São horas de ir à Rua dos Clérigos, ao Espelho da Moda. Lá estão os pacotes de roupas que deixastes; as ofertas para a Casa do Gaiato, para o Calvário e Património dos Pobres; o dinheiro das assinaturas de O GAIATO e da Editorial. Carregámos tudo para deixar espaço livre ao voltardes lá. No Lar do Porto, Rua D. João IV, 682, fizemos o mesmo. Trouxemos 50.000\$00, de V. N. de Gaia; mil, mais duzentos, mais 3.650\$00, mais dez mil, «oferta para o Natal; mais 8.000\$00; mais 1.400\$00; mais 500\$00; mais 5.000\$00. Da Ordem do Terço, pelas mãos de sacerdote amigo, 20.000\$00.

Deixemos passar a que traz a «esmola da viúva», mas dada com muito amor — 20.000\$00, de Seia. Mais outra, cumprindo uma promessa, cheia de gratidão e reconhecimento. É do Porto. Da amiga Luisa, 8.000\$. De Leiria, 1.500\$00. Se o caminho da Igreja passa pelos homens, o caminho de Deus também passa pelos Outros. Estamos na Sua órbita quando estamos com os nossos irmãos. Por isso, sufragando a «alma de meu marido, ofereço essa

pequena migalha — 6.000\$00». Lá muito do sul, 1.500\$00 e palavras de estímulo da mãe que sabe amar os seus filhos. De Gouveia, 20.000\$00.

Uma dedicatória: «Aceitai esta dívida pequenina. Sou uma simples reformada. Não posso mandar mais; é dada com o coração». Mais esta, de uma Viúva, de Leça da Palmeira. Mais, de um anónimo; e 500\$00 para ajuda da Obra. Num envelope, 17.000\$00 para pagar as assinaturas e para o que for mais necessário. Presença amiga, de Maria Suzette. Muitas migalhas de 1.000\$00, 500\$00, 100\$00. Fazem a mesa dos Pobres. Ai de nós, se nos faltassem! De Lamego, 5.000\$; e da Lígia, 2.500\$00.

Há muitas maneiras de fazer andar a Obra da Rua. A sua continuidade é preocupação dos Amigos que a fizeram sua. Por isso, 10.000\$00 de médico especialista, «para ajuda da continuidade da Obra». Pelas mãos do Padre António Bonifácio, 25.000\$00. Recolhemos as lágrimas da mãe que chora e confia. Obrigado!

«Há muito tempo que não escrevo! Espero que não estejam zangados comigo, mas se estiverem, que esta carta me sirva de penitência e resgate pela minha falta»; e manda 20.000\$00. Temos pena de não saber o endereço. Cá o esperamos.

De Oliveira de Azeméis, 500\$00. Anónima, no Lar do Porto, deixa 10.000\$00. Agora, é a mãe que entrega 400 francos, renúncia feita por sua fi-

lha Manuela e marido. Outra mãe, doente, vem com 2.000\$00 e todas as suas dores. Filha, em sufrágio da alma de seus pais e irmão, entrega mil; vinte e cinco mil, de Luís Teixeira e filhos; cheque de 98.820\$00, do Porto; e 20.000\$, «modestamente oferecidos, pelo muito apreço que merece a Obra». Vamos ler a carta do Paulo, de Leiria: «Sou um gaiato muito novo, ainda com 20 anos. Há uns 9 ou 10 anos, visitei a Casa do Gaiato, em Miranda do Corvo. Gostei de ver a dedicação que todos punham naquilo que faziam... Hoje, tenho um emprego, graças a meus pais, muitas vezes caindo em empréstimos. E é precisamente por isso, porque admiro todo o trabalho feito com dedicação, que pretendo contribuir para a vossa Obra que, no meio de tantos sacrifícios, consegue deixar tanta «gaiatagem» cheia de alegria e vontade de viver. Continuem! O mundo precisa de Homens e é da massa «gaiatos» que eles se fazem...». Ó carta!

Fernanda vem com 500\$00. Rosinha, 500\$00 mais 500\$00. Par recém-casado celebra o acto com 5.000\$00. Maria Helena manda 22.395\$00 e muita amizade. «Não fique triste, pelo atraso do envio de 5.000\$00.»

Paremos um bocadinho para ver passar o estudante do ensino superior que vem direito entregar 10.936\$00 do seu primeiro ordenado, emprego em part-time.

Padre Manuel António

## SETÚBAL

Cont. da 1.ª pág.

Há cerca de um ano que o «Bonanza» está connosco.

Tem sido difícil a vida dele e a nossa. Sempre que tenho uma ocasião de lhe dar carinho, não a perco; mas elas são raras, pois a criança não aceita.

Os pontapés que a vida lhe deu marcaram-no profundamente. «Bonanza» anda sempre com o pé em falso.

Há uma série de dias seguidos que o Octávio o chama a tribunal, à noite, no fim do jantar.

O menino vem. Põe os olhos no chão. Todos se voltam para o réu — compadecidos e sofredores. Dentro de mim brilha logo a sua história — roendo-me a alma de dor e impotência.

Foi uma pedrada no nariz do Lúcio. Foi o rebentamento da fechadura da sala de aula. Foi a quebra de um mictório no balneário das escolas e da sanita de outro! Foi ele, no fim do almoço, apanhado sozinho, no refeitório, a comer sopa, directamente de uma terrina com a concha, etc., etc...!

Em cada dia, inventa novos motivos para renovado julgamento.

O almoço de hoje foi sopa de hortaliça, batatas com carne guisada e um iogurte.

Na sua mesa a travessa ficou ainda com sobras, mas não se contém. Sai com todos da sala, dá a volta e vai à cozinha sonegar um grande naco de pão.

Reentro no grande refeitório e dou com ele.

— Então, Nuno!  
— Estou a comer — diz-me, descontraído.

Depois do iogurte — pão.

É assim num ambiente de família — diria Pai Américo e tu também. Mas é assim que temos de educar!

É tão difícil pagar a dívida a esta criança: fazer dela um homem!

Preciso muito que este Natal me traga sabedoria divina para os «Bonanzas» que aceltei como filhos!

■ A oferta do grande futebolista Carlos Manuel, prémio do seu golo no Mundial, teve o mérito de trazer para a ribalta do desporto um pouco do que é a Casa do Gaiato.

Eu não queria falar no assunto — tão badalado ele foi por quem desconhece o que é a generosidade escondida de tantos portugueses que ajudam a sustentar com suas dádivas anónimas esta imensidade que é a Obra da Rua. Não queria.

Para que sosseguem os jornalistas e quantos exultaram com a dádiva, aí vai toda a verdade:

Dois dias após o regresso do México, do grande goleador, os seus pais trouxeram-nos o cheque com um cartão de simpatia do filho e a promessa de voltar, de novo, ao nosso convívio.

Padre Acílio



Director: Padre Telmo      Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Administ.: Casa do Gaiato - PAÇO DE SOUSA-4560 Penafiel-Tel. 952285  
Comp. e impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato - Paço de Sousa-4560 Penafiel